

INSTANTÂNEOS DO MUNDO

Outubro 1991

fragmentos de experiências pessoais - Maria de Lourdes Pintasilgo

Este número de Instantâneos do Mundo é muito diferente na forma e no conteúdo. Resolvi enviar-vos a todos as notas que redigi, sob a forma de comentários aos pontos da agenda, para a reunião do "sub-council", que teve lugar em Agosto.

A FÉ CRISTÃ E RAÍZES CULTURAIS

1. Desde Vaticano II que as Igrejas locais foram encorajadas a examinar a cultura em que vivem. Como consequência deste processo, tentaram exprimir a sua fé por palavras e rituais da sua cultura. O desafio de hoje - em termos de "enraizamento cultural" - embora não negue este esforço, vai para além dele. As raízes culturais que hoje somos chamados a descobrir são não só as raízes das pessoas numa determinada sociedade e lugar mas também, e principalmente, as raízes na cultura do nosso tempo.

2. A Fé Cristã, tanto nas suas formas institucionalizadas como nas convicções e atitudes dos crentes individuais, parece ir atrás dos traços mais importantes da cultura contemporânea. Responder à cultura do nosso tempo, viver a Fé Cristã no enraizamento cultural de hoje, é condição essencial para viver o "kairos" em plenitude.

A NOSSA CULTURA, A CULTURA DO OUTRO

1. Durante o século XIX, e mesmo até à segunda metade deste século, o conhecimento da cultura dos outros povos era, do ponto de vista dos Europeus, uma procura do exótico: comidas, roupas, habitat, hábitos diários. Ao mesmo tempo, a nossa própria cultura era encarada como um dado assente e por isso mesmo inconscientemente considerada como a norma.

2. Com a antropologista Ruth Benedict iniciou-se, no começo dos anos 40, uma outra perspectiva. O governo dos EUA deu-lhe a tarefa de estudar a mentalidade japonesa e de a descrever, de modo a que o exército pudesse saber como actuar. Ela leu todos os livros e documentos disponíveis e produziu uma obra prima, "O crisântemo e a espada", que permanece um clássico. Neste livro, a cultura do outro povo é a maneira como pensa, os valores pelos quais se rege, a lógica do seu comportamento.

3. As agências de turismo (e os 400 milhões de pessoas que fizeram férias no estrangeiro durante o Verão do hemisfério norte) fazem muito no que se refere aos elementos mais óbvios da cultura dos outros povos.



Na realidade, popularizam aquilo que só era conhecido por alguns no século XIX ... O que agora nos faz falta é a compreensão "vinda de dentro" do pensamento, da "alma" da cultura do outro povo. Se o Espírito conta, é o espírito da cultura do outro povo que devemos tentar atingir e compreender.

4. O conhecimento da nossa própria cultura não é um processo óbvio. É *essencial* para a nossa própria identidade. Ao mesmo tempo que cresce como identidade, afirma-se. Incorpora elementos da geografia, assim como da organização social, das memórias do passado tradicional, assim como das aspirações e dos sonhos do futuro. A nossa cultura não é um dado estático. Se vivemos no nosso tempo e no nosso lugar estamos também a contribuir para a re-elaboração contínua da nossa própria cultura. Só poderemos tentar compreender a cultura dos outros na medida em que estivermos activamente envolvidos na modelação histórica da nossa própria cultura.

CULTURA LOCAL E TENDÊNCIAS GLOBAIS

1. O slogan super-popularizado de todos os movimentos alternativos é "Agir localmente, pensar globalmente". Embora haja cada vez mais pessoas com uma actuação transnacional, a esmagadora maioria tem uma actuação local. É aí que se modela a vida concreta das pessoas. "Local" não pode ser tomado unicamente em referência ao nosso trabalho, à nossa aldeia, à nossa vizinhança, à nossa cidade. "Local" é um espaço homogêneo em termos de cultura, instituições, ligações fáceis, organização social, responsabilidade comum. De um ponto de vista subjectivo, "local" é o espaço que cada um de nós consegue abstrair no seu espírito, relações, actividades, empenhamentos.

2. As tendências globais são a emergência de ideias e acontecimentos que se exprimem num espaço global. Nascem muitas vezes da divulgação num espaço mais vasto de uma tendência local ou nacional (os exemplos mais flagrantes são a música "rock" e desde 89 a ideologia da economia de mercado). Também nascem às vezes no próprio espaço global - em reuniões internacionais, no encontro de intuições coincidentes formuladas por indivíduos em lugares diferentes.

3. Hoje - e isto é um dado novo no fim do século XX - as tendências globais não são uma super-estrutura em relação à cultura local. Relacionam-se horizontalmente porque todas as realidades são interdependentes.

4. A imersão na cultura local, à medida que se torna mais profunda, leva a uma capacidade de apreender as tendências globais. Em sentido inverso, a sensibilidade às tendências globais ajuda a ir mais fundo na cultura local.

5. É claro que a cultura local e as tendências globais estão em interacção com o espaço nacional. Contudo, não são degraus numa pirâmide de importância. São parte da interdependência como condição da vida no tempo em que vivemos.



CULTURA DAS MULHERES: DIMENSÕES VELHAS E NOVAS

1. Não há só "culturas locais" ligadas a territórios geográficos mas há também "culturas de grupo", que se exprimem em "territórios sociais" (por exemplo, a cultura dos trabalhadores, a cultura dos camponeses, a cultura dos jovens). A cultura das mulheres está também neste caso.

2. Não é porque se é mulher ou porque um grupo é composto por mulheres que podemos falar em "cultura de mulheres". Quer individual quer colectivamente, só se pode falar de "cultura das mulheres" em determinadas condições, a saber:

- a existência de uma identidade como mulher, na consciência da plenitude do seu ser - e, do mesmo modo, por parte do grupo, a racionalização da sua composição social;
- a verbalização da sua própria experiência como mulher, de modo a que uma partilha mútua de experiências venha enriquecer o crescimento de cada mulher.

3. O território social coberto pela cultura das mulheres abrange a sua experiência passada, assim como as principais características da sua experiência de hoje e a sua reflexão e estudo acerca dessa experiência. Daí advém a importância de:

- biografias de mulheres (cf. o fascínio do Padre van Ginneken por algumas santas!) e modos de actuação de mulheres no passado;
- informação sobre a situação das mulheres hoje (tendências em relação à sua presença nos diferentes tipos de actividade, compatibilidade com a família, trabalho remunerado e outros campos de interesse e actividade na vida das mulheres).

Fundação Cuidar o Futuro

4. A cultura das mulheres é um caso muito específico de uma cultura de silêncio. Partilha a situação de discriminação, marginalização e exclusão com outras culturas de minorias. Assim, o seu aparecimento vem na continuidade dos movimentos de trabalhadores e dos movimentos de libertação dos povos colonizados. Distingue-se da cultura das outras minorias pelo facto de exprimir também uma das relações básicas da condição humana: homem/mulher. E por isso que muitas mulheres têm dificuldade em assumir a sua identidade plena. Mesmo sem o saberem, querem o amor/admiração/protecção do homem. A cultura das mulheres é, ainda hoje, ambivalente.

A CULTURA DO GRAAL: UNIDADE E DIVERSIDADE

1. No passado, muitas pessoas do Graal consideravam a "unidade e diversidade" da "cultura do Graal" só em termos geográficos. Embora isto seja importante, já não é o único campo em que se pode viver a cultura do Graal. A este "território" outros se juntaram.

2. A "cultura do Graal", como qualquer outra cultura, é composta de uma tradição comum e de novos acontecimentos, iniciativas, ideias, experiências. E por isso que à expressão binária "unidade e diversidade" se veio juntar uma outra: contemporaneidade, respondendo e alimentando-se na cultura do nosso tempo.



3. A "cultura do Graal" faz parte da cultura cristã. Apesar do uso do vernáculo e dos diferentes ritos, há definitivamente uma cultura cristã em que nos reconhecemos, quer estejamos na Coreia do Sul ou no México, no Gana ou na Índia. Esta cultura cristã é a expressão, em termos seculares, daquilo em que acreditamos e que vivemos no que se refere a Deus e ao mundo, e ao modo de vida que Cristo inaugurou e que se traduz em valores, atitudes, comportamentos.

4. A "cultura do Graal" é também uma "cultura de mulheres". O processo de consciencialização pessoal dos membros do Graal como mulheres é essencial para que a sua cultura se desenvolva como uma cultura de mulheres genuína. Enquanto grupo com a sua identidade própria, tem que exprimir a cultura colectiva das mulheres, que vem simultaneamente do passado e das suas tendências actuais.

5. Neste contexto, a unidade do Graal deve vir espontaneamente da combinação específica das diferentes "culturas" que o Graal partilha a nível mundial. A sua diversidade é multifacetada. Brota do peso que é dado por cada mulher do Graal às diferentes componentes da "cultura do Graal". Revela-se no modo como cada grupo homogéneo do Graal dá forma à "cultura do Graal", no modo como valoriza e combina contemporaneidade, cultura cristã e cultura das mulheres.

TROCAS CULTURAIS NO MUNDO DE HOJE

1. A cultura do nosso tempo deve ser o foco principal das trocas culturais dentro do Graal. Em primeiro lugar, porque é um elemento essencial da nossa identidade. Em segundo lugar, porque é através dessa cultura que nós nos apercebemos do quadro de interdependência no mundo de hoje: em relação à compreensão e paz entre as nações, aos constrangimentos postos pela economia mundial ao crescimento da riqueza nos diferentes países, à relação população/ambiente/desenvolvimento, às características da comunicação de massas e à divulgação de ideias e informação. Em terceiro lugar, porque a verdadeira solidariedade só pode ter expressão quando se toma em conta as reais necessidades, preocupações e esforços do presente.

2. A cultura histórico-geográfica é um elemento importante das trocas culturais no mundo de hoje. Mas na literatura contemporânea aparece mais como uma ilustração das tendências globais do que como uma questão "per se". A cultura local precisa de ser alimentada por um verdadeiro conhecimento da história e da literatura.

3. Juntamente com as trocas culturais entre os continentes, o mundo de hoje necessita de ser "sentido" e "compreendido" do ponto de vista de cada continente como um todo. Daqui a necessidade de fortalecimento de contactos intra-regionais como modo de descobrir a nossa própria identidade, de enriquecer a nossa visão do mundo, de descobrir "espíritos irmãos" e maneiras alternativas de pensar que dêem força à vida e ao trabalho das culturas das minorias.

